

## MILTON SANTOS: lugar, tempo, emoção

Maria de Azevedo Brandão\*

O último livro de Milton Santos, **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção** (1996), e duas coletâneas em sua homenagem, uma com artigos de colegas seus nacionais e estrangeiros - **O mundo do cidadão; um cidadão do mundo**, org. Maria Adélia de Souza (1996) - e outra de seus alunos e ex-alunos, os três publicados pela HUCITEC, São Paulo, foram lançados na Universidade de São Paulo, em meio a uma das maiores homenagens jamais prestadas a uma personalidade universitária no Brasil, sem mencionar várias outras distinções pelos seus 70 anos, inclusive fora do Brasil.

O Encontro Internacional **O Mundo do Cidadão - Um Cidadão do Mundo**, coordenado por Maria Adélia de Souza, do Departamento de Geografia da USP, entre 13 e 16 de outubro de 1996, compreendeu quatorze seções de comunicações coordenadas, dezesseis mesas redondas e sete conferências e contou com o apoio da USP, FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, dos órgãos federais CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos, CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e da AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros, seção de São Paulo. O encontro reuniu cientistas sociais de vários países da América Latina, Europa e América do Norte e teve como conferencistas Octavio Ianni, Joaquim Bosque Maurel, Milton Santos, Angel Bassols Batalla, Richard Peet, Maria A. Brandão e Pierre Claval.

Milton Santos, esse baiano nascido em Brotas de Macaúbas, Bahia - um dos locais por onde trabalharam seus pais, professores do ensino fundamental, ex-aluno do velho Instituto Baiano de Ensino, em Salvador, diplomado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, jornalista por quase vinte anos em A

---

\* Socióloga e Docente Livre da Universidade Federal da Bahia.

**Tarde**, Salvador (1956-64), professor titular da USP e da Universidade Federal da Bahia, detém hoje o prêmio máximo da geografia, o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, 1994, e títulos honoríficos outorgados pelas universidades de Toulouse (França, 1980), Universidade Federal da Bahia (1986), Buenos Aires (1992), Complutense de Madrid (1994), Estadual do Centro Oeste (1995), Federal de Sergipe (1995), Federal do Rio Grande do Sul (1996), Estadual do Ceará (1996), Barcelona (1996); o título de Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico (1995), o Prêmio USP pela Orientação da Melhor Tese-Ciências Humanas (1993), a Medalha do Mérito da Universidad de La Habana (Cuba, 1994), a Medalha Tomé de Souza da Câmara Municipal de Salvador (1994), Medalha da Câmara Municipal de São Paulo (1995) e o Prêmio do Mérito Tecnológico do Sindicato dos Engenheiros do Estado de São Paulo (1995).

Ex-professor de universidades na França, Estados Unidos, Canadá, Perú, Venezuela, Tanzânia e da UNICAMP, Milton tem hoje uma das mais extensas bibliografias brasileiras, certamente a mais opulenta bibliografia entre os geógrafos latino-americanos, com mais de quarenta livros publicados e mais de trezentos títulos em artigos, prefácios e pequenas publicações, além da editoria de quatorze coleções.

Mais que geógrafo, Milton Santos tornou-se uma referência em epistemologia e um pensador em grande estilo. Tudo isso vem de longe e de uma disciplina obstinada de trabalho. Na verdade, são quase quarenta anos desde a escritura de **O centro da Cidade do Salvador** (Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1959) e de um autor que, embora com dez anos de trabalhos no que se concebia então como geografia, se insurgia para o projeto de compreender a transformação do espaço do homem e, por consequência, do espaço e do tempo.

Há em Milton Santos uma inarredável fidelidade a esse propósito, que já se mostra em **O Centro da Cidade do Salvador** com duas vertentes paralelas: a tecitura analítica do significado da ação e das coisas - o que se lhe descobriria o tempo, e a construção do método. A afirmação inicial do resumo do trabalho para a comissão examinadora da tese de doutoramento pela Universidade de Estraburgo - “não saíamos à procura de originalidades” - e o “objetivo de oferecer uma contribuição à geografia urbana geral”<sup>1</sup> deixam claro esse projeto, que iria em crescendo a partir do meado da década de 60. É quando Milton sai do Brasil para o exílio, tocado por um processo policial-militar promovido pela ditadura de 64, que - nunca será demais denunciar - condensava em seu caso o ódio e o pânico de um racismo envergonhado e de uma radical recusa à inteligência.

<sup>1</sup> Uma definição da Cidade do Salvador. In: SANTOS, Milton, org. **Cidade do Salvador**. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1960, p.125.

A segunda lição de **O Centro da Cidade** ... é sua didática do fazer ciência, a partir da busca da verdade no particular, sem preconceitos, embora justamente com os instrumentos que então seriam os conceitos de função, paisagem e estrutura<sup>2</sup>. E Milton vai, a fazer da contingência - e do afeto! - de sua raiz cultural numa cidade particular, “antiga metrópole colonial de um país novo”<sup>3</sup>, a liberdade de **escolha** de um caso - um espaço de imersão no específico na busca do universal.

Alguém diria que daí resultara uma “obra honesta, aguda, inteligente, dentro de uma metodologia larga e atual...”<sup>4</sup> e antes já se lhe anotara a procura das “relações entre os homens e a natureza, entre o passado e o presente”<sup>5</sup>. Afinal, é o próprio Milton quem pergunta - respondendo: “será que o centro de uma cidade, por maior que ela seja, pode fornecer uma paisagem capaz de justificar um estudo geográfico separado? Não será isso o equivalente a perguntar-se se o centro urbano constitui em si mesmo uma realidade geográfica”<sup>6</sup>. Não estaria aí o nascimento do lugar, que Milton Santos trataria mais tarde como categoria fundamental do espaço do homem - síntese de passado e presente, residência da significação? Será aquilo que daria ao centro das cidades-cidades “um ar de família”, com suas formas-objetos inscritas no chão?

Ele fala das relações da Cidade do Salvador com sua região, com o mundo de fora; do crescimento que avança por fraqueza, de uma cidade sem forças, enredada nas usuras de um capital malandro, de olhos cravados no porto, de costas para a região, para a rua, para a vida; capital trancado em si, no círculo diabólico da avareza. E o faz antecipando sua advertência **em Metamorfoses do espaço habitado**: “o geógrafo ... está condenado a errar ... se somente considera o lugar, como se ele tudo explicasse por si mesmo, e não a história das relações, dos objetos sobre os quais se dão as ações humanas, já que objetos e relações mantêm ligações dialéticas, onde o objeto acolhe as relações sociais, e estas impactam os objetos”<sup>7</sup>.

Desse lugar antigo e ao mesmo tempo estridentemente moderno hoje - Salvador, em suas misérias e em seus enganos, Milton avança anos depois contra uma geografia-ideologia, num mundo de produção científica em que o método ficara “aquém da descoberta”, como diz em **Pensando o espaço do homem**<sup>8</sup>. E pronuncia: “a paisagem não é muda”, mas (lugar da fetichização) “dela não temos direito senão a uma aparência”<sup>9</sup>. Adiante afirma, em **Técnica, espaço, tempo**, “a história

<sup>2</sup> Loc. Cit., p.126.

<sup>3</sup> Ibidem.

<sup>4</sup> PINTO DE AGUIAR, Manuel. Prefácio. In: SANTOS, Milton. **O Centro da cidade do Salvador**. Salvador, Publicações da Universidade da Bahia, 1959, p.11.

<sup>5</sup> MONBEIG, Pierre. Prefácio à edição francesa. In: SANTOS, op.cit., p.13.

<sup>6</sup> SANTOS, op.cit., p.21.

<sup>7</sup> SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo:HUCITEC, 1996. 4ª ed., p.57.

<sup>8</sup> SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: HUCITEC, 1982, p.26.

<sup>9</sup> Loc.cit. p.23.

do homem sobre a terra é a história de uma rotura progressiva entre o homem e o entorno”<sup>10</sup>, até o ponto em que essa relação se desdobra em impotência e cegueira. “Ali mesmo, onde moro, freqüentemente não sei onde estou. ... Vivemos em um mundo exigente de um discurso necessário à inteligência das coisas e das ações”. E irrompe: “sem discurso, praticamente não entendemos nada”<sup>11</sup>.

**P**ensando o espaço do homem e este novo **A natureza do espaço** são textos que vão além da narrativa acadêmica e tem algo do poeta que é Milton. Pois não é que eles nos lembram de *Residencia en la Tierra* de Neruda? Assim:

Lloremos la defunción de la tierra y el fuego,  
las espadas, las uvas,  
los sexos con sus duros dominios de raíces,  
las naves del alcohol navegando entre naves  
y el perfume que baila de noche, de rodillas,  
arrastrando un planeta de rosas perforadas<sup>12</sup>.

**P**orque tudo é espaço, num mundo cativo da técnica e da informação globalizada, não é que sentimos essa tristeza enorme, que o poeta descreve como “movimentos tenaces, senderos verticales a cuya flor final a veces se asciende, compañías suaves ou brutales, puertas ausentes! Como cada dia un pan letárgico, bebo de una agua aislada!”<sup>13</sup>. Em **A natureza do espaço**, Milton Santos avança na elaboração de um caminho da técnica para o homem, em favor do lugar e do cotidiano. Pois não é que, mesmo de uma cidade-metrópole, T.S.Elliot já havia dito: “jamais pensei que a morte destroçara tanta gente”<sup>14</sup>.

<sup>10</sup> SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**; globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: HUCITEC, 1996, 2 ed. P.17

<sup>11</sup> Loc.cit., p.20.

<sup>12</sup> NERUDA, Pablo. El despediente. In: \_\_\_\_\_. **Residência en la Tierra**. B. Aires, Editorial Lousada, 1967, 3.ed., p.115-116.

<sup>13</sup> NERUDA, Pablo. El deshabitado. In: \_\_\_\_\_. **Residência en la Tierra**. B. Aires, Editorial Lousada, 1967, 3.ed., p.59-60.

<sup>14</sup> Cidade fantasma (poema 60), In: **Waste Land**. Criterion, Londres, 1922. Trad. De Paulo Mendes Campos.